



TRABALHO, IDENTIDADE E PROTAGONISMO FEMININO NA PRODUÇÃO CULTURAL: GÊNERO E TRABALHO ENTRE MULHERES ARTESÃS DE BOCAIUVA E ITACAMBIRA.

Arianne Alice Oliveira Leite (ariannealice28@gmail.com)¹

Enrique Nunes Correia (enrique.nunes.correia@gmail.com)¹

Larissa Leite Lima (larissaleitelima04@gmail.com)¹

Rafaella Ladeia Vieira (rafaellaladeia1@gmail.com)¹

Rejane Nunes Caetano Campos (rejane.campos@edu.unimontes.br)¹

Cledinaldo Aparecido Dias (cledinaldo.dias@unimontes.br)²

Introdução: o artesanato estabelece uma relação dialética com a cultura, constituindo-se como uma importante forma de expressão social e simbólica (Ramos, 2013). Miltersteiner et al. (2020) salientam que a desigualdade de gênero resulta de um processo histórico-cultural que associa a mulher ao cuidado da família, vinculando-a ao espaço doméstico e ao artesanato. Nesse contexto, compreende-se que a identidade das mulheres artesãs é construída de forma dinâmica, sendo continuamente produzida nas interações sociais e nos sistemas de representação (Hall, 2006). Entretanto, essa construção ocorre em um cenário marcado por desigualdades de gênero, uma vez que tais relações se estruturam como relações de poder que impactam diretamente a inserção e a valorização do trabalho feminino (Connell, 1995). Diante dessas limitações, o empreendedorismo surge como uma alternativa que possibilita autonomia e flexibilidade às mulheres, ainda que não elimine completamente as barreiras estruturais do mercado de trabalho (Astorga, 2019, *apud* Squilassi, 2024). Este estudo tem como objetivo analisar como mulheres artesãs das cidades de Bocaiúva e Itacambira constroem sua identidade profissional e exercem protagonismo na produção cultural, considerando os desafios relacionados à conciliação entre vida pessoal, produção artesanal e inserção no mercado de trabalho. **Método:** trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada na análise de conteúdo. Foram realizadas 18 entrevistas semiestruturadas com mulheres dos municípios de Bocaiúva e Itacambira. As participantes atuam em diferentes segmentos culturais, como artesanato, culinária, artes visuais, literatura e manifestações culturais tradicionais. Os dados foram organizados em três categorias analíticas: identidade, barreiras estruturais e protagonismo feminino. A análise buscou compreender os significados atribuídos pelas entrevistadas às suas experiências, articulando-os com as discussões teóricas. Parecer consubstanciado Comitê de Ética em Pesquisa: 7.447.517 CAAE: 86863025.0.0000.5146. **Resultados:** as entrevistas revelam que a identidade profissional das mulheres artesãs de Bocaiúva e Itacambira está enraizada na herança cultural, confirmando a perspectiva de Hall (2006, p. 13), para quem as identidades são formadas e transformadas continuamente nas relações sociais e nos sistemas de representação. A maioria das participantes revela ter aprendido por meio da observação e da convivência familiar, como demonstra na fala: "Desde criança, que os pais da gente que ensinou [...] aprendi criança, nem lembro direito quando foi que eu aprendi (E10)". Esse processo evidencia o artesanato como uma herança cultural, que transcende a técnica produtiva. O trabalho artesanal também se apresenta como elemento de construção e formação do sujeito. Em vários relatos, a produção cultural aparece ligada ao sentimento de utilidade, ao aumento da autoestima e ao pertencimento social das mulheres aos seus territórios. Conforme relatado pelas entrevistadas: "Mesmo quando não é para vender [...] é algo que eu gosto [...] faz parte de mim (E18)". "Eu gosto muito do que faço, não é só trabalho, já virou parte da minha vida (E8)". Conforme aponta Connell (1995), as relações de gênero estruturam-se como relações de poder, o que impacta as experiências das mulheres no mundo do trabalho. Essa desigualdade manifesta-se, entre outras formas, na desvalorização econômica e simbólica do trabalho cultural feminino. "Infelizmente ainda

¹ Acadêmicas do Curso de Administração da Universidade Estadual de Montes Claros.

² Professor Titular do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Estadual de Montes Claros.

MOSTRA CIENTÍFICA ADMINISTRAÇÃO

27 a 29 de maio 2026

*Conectando evidências, pessoas e
ideias para transformar realidades.*



tem essa parede, essa barreira entre homens e mulheres. Às vezes não valoriza muito o trabalho da mulher hoje (E16)". A dupla jornada revela-se como um dos fatores que mais impactam a vida dessas mulheres, na medida em que as demandas do trabalho formal, do cuidado doméstico, da criação dos filhos e da produção artesanal são entre si, concorrentes: "Trabalho 8 horas por dia [...] eu chego, cuido dessa horta [...] ainda faço esses biscoitos (E11)". (Astorga, 2019, *apud* Squilassi, 2024) observa que o empreendedorismo surge como alternativa que oferece às mulheres flexibilidade e autonomia diante das limitações que o trabalho assalariado não consegue suprir. Apesar dos desafios, as entrevistadas demonstram protagonismo na produção cultural regional, evidenciando o que Saffioti (2015) compreende como resistência dentro de estruturas de dominação. O caso mais representativo é o da entrevistada (E2), primeira mulher a coordenar um grupo de Catopês no Norte de Minas, cargo historicamente exclusivo dos homens: "Eu tô quebrando [...] porque antes era só dos homens." A entrevistada (E4) representou o Norte de Minas e o Vale do Jequitinhonha na Bienal do Rio de Janeiro, maior evento literário da América Latina, e (E8) destaca que "85% das participantes das feiras culturais de Bocaiúva são mulheres". Esses dados evidenciam que, mesmo em contextos de invisibilidade e desvalorização, essas mulheres ocupam e ampliam os espaços culturais de forma ativa e coletiva. A interseccionalidade entre gênero, raça e classe aprofunda essa análise, como aponta (E3), ao destacar "Eu ainda tenho diversos privilégios [...] a questão de gênero afeta, mas dentro dessa questão tem também a questão racial (E3)", evidenciando o apagamento histórico das mulheres negras, reforçando que as desigualdades não se explicam por uma única dimensão. **Discussão:** a construção identitária das entrevistadas confirma a perspectiva de Hall (2006) sobre identidades como processos contínuos e relacionais, e de Butler (2003) sobre o caráter performativo do gênero. O artesanato e a arte funcionam — como espaços de reafirmação identitária, num contexto em que seus saberes foram historicamente associados ao doméstico e ao não remunerado, conforme analisa Saffioti (2013). As barreiras estruturais identificadas: dupla jornada, desvalorização salarial, ausência de políticas de fomento consistentes — corroboram a análise de Saffioti (2013; 2015) sobre o nó entre patriarcado, capitalismo e racismo, bem como os achados de Hryniewicz e Vianna (2018) sobre o dilema enfrentado por mulheres em posições de liderança. No contexto das organizações culturais, o imperialismo patriarcal identificado por Andrade et al. (2002) opera de forma análoga ao ambiente corporativo: critérios de reconhecimento aparentemente neutros carregam marcas de gênero que definem quais trajetórias são legítimas. Do ponto de vista do mercado de trabalho, os resultados apontam a necessidade de políticas organizacionais e públicas que reconheçam o trabalho informal e cultural feminino como produtivo. Os relatos indicam que o trabalho cultural feminino se situa entre a informalidade econômica e sua importância social. Mesmo sem reconhecimento no mercado, essas atividades têm papel relevante na economia local e na preservação de práticas culturais. Essa realidade evidencia o contraste entre a contribuição dessas mulheres para a sociedade e o pouco reconhecimento que recebem. A sobrecarga de trabalho mencionada nas falas evidencia que a flexibilidade do trabalho artesanal não elimina, mas intensifica, a exploração do tempo feminino. **Considerações finais:** este estudo demonstra que as mulheres artesãs e artistas especificamente de Bocaiúva e Itacambira, são agentes centrais da economia criativa local, operando em condições desiguais, raramente capturadas pelas métricas tradicionais de gestão de pessoas. No que se refere ao mercado de trabalho, isso reforça a centralidade dos debates sobre diversidade e inclusão, equidade salarial e reconhecimento de saberes não formais. Políticas sensíveis ao gênero precisam considerar não apenas os ambientes organizacionais, mas também os modos de trabalho que escapam às fronteiras do trabalho formal, onde a maioria das mulheres mais vulneráveis ainda opera. Apesar das contribuições deste estudo ainda são perceptíveis limitações quanto a amostragem restrita a dois municípios, ao número de entrevistas analisadas, e à abordagem qualitativa na qual os resultados se baseiam em experiências das entrevistadas, não permitindo generalizações para outros contextos. Nessa perspectiva sugere-se que pesquisas futuras ampliem a região estudada e incorporem abordagens quantitativas para aprofundarem nas discussões tratadas nesse trabalho.



Palavras-chave: Mulheres. Cultura. Trabalho. Liderança.

Agradecimentos:

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Referências:

- ANDRADE, J. et al. **Gênero nas organizações: um estudo no setor bancário**. RAE-Eletrônica, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/raeel/a/smFRPzBJW9B6TwmVws6qCvq/>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível em: [Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade](#). Acesso em 27 abr. 2026.
- CONNELL, Robert W. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press, 1995. Disponível em: <https://genderandmasculinities.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/02/robert-w-connell-masculinities-second-edition-3.pdf>. Acesso em 27 abr. 2026.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: [A identidade cultural na pós-modernidade](#). Acesso em 27 abr. 2026.
- HRYNIEWICZ, Lygia Gonçalves Costa; VIANNA, Maria Amorim. **Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em organizações**. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 331–344, jul./set. 2018. Disponível em: [Vista do Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais](#). Acesso em 27 abr. 2026.
- MILTERSTEINER, Renata Kessler; OLIVEIRA, Fátima Bayma de; HRYNIEWICZ, Lygia Gonçalves Costa; RAMOS, Silvana Pirillo. Políticas e processos produtivos do artesanato brasileiro como atrativo de um turismo cultural. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 5, n. 1, p. 44-59, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1741>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SQUILASSI, Isadora Borges. **Compreendendo os imbricamentos da tripla jornada de trabalho feminina e o burnout em mulheres empreendedoras**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Urbelândia, Urbelândia, 2024.